

O LÉXICO E A EXPRESSIVIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM CAMINHO PARA O ENSINO

Data de aceite: 02/08/2023

Darcilia Simões

Presidente da AILP (2014-2017).
Professora Titular (aposentada) de
Língua Portuguesa do Instituto de Letras;
Professora colaboradora do PPG–UERJ.
Professora colaboradora do POSLLI-UEG.
Pós-doutora: Linguística (UFC, 2009)
e Comunicação & Semiótica (PUC-SP,
2007); Doutora em Letras Vernáculas
(UFRJ, 1994), Mestre em Letras (UFF,
1985). Coordena as Publicações
Dialogarts. Líder do GrPesq SELEPROT
(Base CNPq).
UERJ/UEG/SELEPROT/AILP
<http://lattes.cnpq.br/3946956008433392>
<http://orcid.org/0000-0003-2799-6584>

RESUMO: O presente artigo visa a abordar estilo e estilística, com vista a subsidiar as aulas de língua portuguesa destacando-se a sua expressividade como recurso para a comunicabilidade. Pretende-se focalizar o estilo, os gêneros textuais e a variação linguística, em atos comunicativos, observando-lhes a adequação de estilo. Tratar-se-á da formalidade, da informalidade e dos usos estéticos. Em especial será contemplada a seleção lexical quanto à clareza, à coesão, à coerência

e ao alindamento da expressão. A base teórica será a estilística funcional segundo Cohen (1974), Guiraud (1970) e Castagnino (1971). A Estilística, como atualmente é descrita, “não é mais que o estudo da expressão linguística; e a palavra estilo, reduzida à sua definição básica, nada mais é que uma maneira de exprimir o pensamento por intermédio da linguagem” (Guiraud, 1970). Nessa ótica, entende-se que para realizar sua obra, o autor escolhe os seus elementos, pois, na base do estilo há uma escolha do ideal artístico, do material, do foco etc. O estilo vem a ser a transmissão de um momento psíquico único, vivido em dado lugar e em um grupo social determinado; isto é, o estilo transmite o conteúdo artístico da alma do artista por uma modalidade específica, particular. Com essa perspectiva, pretende-se dar subsídios para a prática pedagógica de língua portuguesa para nativos e não nativos, ressaltadas as diferenças de conhecimento prévio dos estudantes. Essa proposta visa a tornar mais dinâmicas e interessantes as aulas de língua portuguesa, promovendo o envolvimento entre estudantes e conteúdos, para que a assimilação seja amplificada.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa; Prática Pedagógica; Estilo; Expressividade;

Adequação.

THE LEXICON AND EXPRESSIVITY IN PORTUGUESE LANGUAGE: A PATH TO TEACHING

ABSTRACT: The aim of this issue is to approach style and stylistics, to subsidize Portuguese language classes, highlighting its expressiveness as a resource for communicability. The aim is to focus the style, the textual genres, and the linguistic variation, in communicative acts, observing to them the adequacy of style. It will be about formality, informality, and aesthetic uses. Particularity, lexical selection will be considered for clarity, cohesion, coherence, and alignment of expression. The theoretical basis will be functional stylistics according to Cohen (1974), Guiraud (1970) and Castagnino (1971). Stylistics, as it is currently described, “is no more than the study of linguistic expression; and the word style, reduced to its basic definition, is nothing more than a way of expressing thought through language” (Guiraud, 1970). In this perspective, it is understood that to carry out his work, the author chooses its elements, because, at the base of the style, there is a choice of the artistic ideal, the material, the focus etc. The style comes to be the transmission of a unique psychic moment, lived in given place and in a determined social group; that is, the style conveys the artistic content of the soul of the artist by a specific, modality. With this perspective, it is intended to give subsidies for the pedagogical practice of Portuguese language for natives and non-natives, except for the differences of previous knowledge of the students. This proposal aims to make Portuguese language classes more dynamic and interesting, promoting the involvement of students and content, so that assimilation is amplified.

KEYWORDS: Portuguese language; Pedagogical Practice; Style; Expressiveness; Adequacy.

PALAVRAS INICIAIS

“Unir a extrema audácia ao extremo pudor é uma questão de estilo.” (François Mauriac)¹

Optamos por falar de estilo em um artigo que se propõe contribuir para o ensino da língua portuguesa, porque acreditamos que onde existe homem existe estilo. Como afirmara Buffon, o estilo é o homem (“*Le style, c’est l’homme même*”²), logo, nada mais oportuno que conversar sobre a relevância dos toques de estilo ao tratar-se do ensino da língua com vista ao aprimoramento da expressão e da comunicação.

Em outro de nossos escritos, já dissemos que, segundo Paz Gago (1993, p. 23), todo texto tem estilo, não apenas os literários. Os textos jornalísticos, publicitários, ideológicos ou ensaísticos; orais ou audiovisuais; religiosos e filosóficos etc. Na simples leitura cotidiana de jornais, é possível perceber as diferenças de estilo, em especial quando se confrontam notícias sobre um mesmo evento em periódicos distintos. A eleição do foco

¹ **François** Charles Mauriac (Bordéus, 11 de outubro de 1885 — Paris, 1 de setembro de 1970) foi um escritor francês. Foi laureado com o prêmio Nobel de Literatura de 1952. In

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois_Mauriac Acesso em 03.Junho.2019.

² Pronunciada em 1753, num discurso na Academia Francesa por George-Louis Leclerc, o conde de Buffon.

da reportagem já é uma marca de estilo. Para o estudioso (*idem*, p. 24), fala-se de modos diferentes de dizer — portanto de diferentes estilos — quando se classificam textos como diretos, coloquiais, literários, cultos, neutros etc. No dizer de Murry (1956), o verdadeiro estilo é a expressão verbal adequada que exprime a maneira de sentir do enunciador. Por isso o estilo é individual, porque é a expressão de uma maneira individual de sentir.

Num percurso que envolve o ensino de língua (e linguagem) e literatura e a resultante dessas duas para o processo didático-pedagógico, observamos um significativo aumento das pesquisas que englobam essas três subáreas. Acreditamos que tal incremento científico se deva ao fato de que a Estilística — o ponto de interseção entre língua e literatura — vem ganhando nova feição e tem-se inserido como um ponto de fuga, uma confluência para onde deságua uma relação tríptica: o ensino de língua (com ênfase na variedade linguística), os estudos literários e a prática pedagógica (fundamental, média e acadêmica).

Nesse sentido, certificamo-nos de que a Estilística desempenha um papel marcante no ensino de qualquer língua, uma vez que o texto (ponto de partida e de chegada para qualquer aula de língua) tem um viés de leitura direcionado a um objeto pragmático explícito, isto é, exploram-se vários aspectos, a saber: uma melhor compreensão do texto lido, e isso implica uma produção estratégica, não só levando em conta o potencial de interpretação, como também a variedade linguística na qual o texto é escrito; o trabalho com o léxico, realçando os aspectos relacionados ao vocabulário; e, também, a capacidade de desenvolvimento cultural, se levarmos em conta a temática textual. Por isso trouxemos as questões de estilo para uma conversa sobre ensino da língua portuguesa.

Sobre estilística

Do ponto de vista cronológico, a Estilística é uma ciência bastante recente. Foi inaugurada em 1902 por Charles Bally, e como bem assinalou Chaves de Melo (1976, p. 15) até hoje está procurando seus direitos de cidadania, ou seu foral, no reino das disciplinas linguísticas. No entanto, foi efetivamente a partir da Estilística idealista de Leo Spitzer, seguida, então, por Dámaso Alonso e Amado Alonso — que se distinguiram dos princípios de Bally, Vossler e Auerbach pela modernidade — que os estudos da expressão literária começaram a tomar impulso, dando início a uma reformulação crítica no processo literário, isto é, a velha retórica cede lugar a uma “nova retórica” (Estilística), em cujas premissas já não se exige o uso de uma “língua bonita”, congelada pelas regras dos gramáticos. A língua, sendo uma expressão do homem, evolui com o homem, com os costumes, os ideais e os usos que ela exprime (GUIRAUD, 1970, p. 52). Essa “nova retórica” implica a alteração conceitual de linguagem e estilo. Assim, podemos constatar que se multiplicam as interpretações em torno da Estilística, ao longo dos anos, após sua inauguração.

Não há intenção de desenvolver estudos pormenorizados da Estilística, nem do estilo, mas destacar sua relevância na prática pedagógica, uma vez que a epígrafe de

Mauriac estimula uma reflexão sobre as competências e habilidades a desenvolver para que se possa produzir enunciados com audácia para explorar os recursos da língua e pudor para ajustar-se ao auditório (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002) potencial para o texto.

Sobre estilo, por enquanto ficamos com o que foi dito nas palavras iniciais, como sendo a materialização de um estado de espírito por meio dos recursos da língua.

O que distingue Estilística e Linguística é a pretensão de avaliar. Lá onde a Linguística é descritiva, a Estilística é avaliativa, o que também faz muitos questionarem o caráter científico dessa disciplina. Tomando por objeto o estudo do texto literário e as inovações linguísticas próprias à literatura, a Estilística é, por definição, destinada a observar idiosincrasias, a partir das quais se distinguem autores, épocas, gêneros etc. No entanto, dentro dessa grande floresta, é possível traçar alguns caminhos, sobre os quais os estudiosos do estilo podem respigar os pontos de reparo, aprender a observar algumas visões linguísticas específicas. Cumpre-nos esclarecer, no entanto, que, a despeito de incursões socioculturais indispensáveis, a abordagem proposta neste trabalho é essencialmente estruturalista, em decorrência de seu cunho didático-pedagógico que implica a identificação dos componentes com que se constroem esse ou aquele efeito. Isto significa que, independentemente do objeto em análise — a palavra, a proposição, a frase, o enunciado, o parágrafo, o gênero, por exemplo — a avaliação estilística está fundamentada em uma oposição contextual e cotextual, geradora de efeitos de sentido, que se podem então observar, identificar e descrever; porque as relações de oposição (ou de convergência) geram toda a estrutura textual formada por diferentes unidades isoladas. Certamente, não é a delicada questão da representatividade e até mesmo o grau de representatividade de um processo, ou de uma cientificidade nosso objetivo, neste artigo.

Partindo desses princípios, vemos, então, que o estudo de um determinado estilo se realiza não mais dentro dos esquemas da análise tradicional (levantamento de figuras de linguagem e recursos métricos), mas à luz dos conhecimentos atuais da Literatura e da Estilística. Esse tipo de estudo requer compreensão mais profunda da alma do autor, conseguida por uma comunicação íntima da expressão artística (eventualmente, não artística). Simões (1990) nos dá uma grande contribuição em relação à investigação estilística:

Hodiernamente, a Estilística subsidia a investigação dos subterrâneos do texto, por meio da perscrutação do signo linguístico (associado a outros que porventura o circundem), buscando extrair deste as marcas deixadas pelas sensações e reações experimentadas pelo autor e inscritas na superfície dos textos por meio da trama sgnica. A seleção lexical não opera isoladamente; ela se constrói signo a signo a partir de seus arranjos sintagmáticos que, por sua vez, resultam da estética ordenadora daqueles em prol da melhor expressão ou da melhor máscara.

Nesse sentido, podemos dizer que, unida à Semiótica e à Pragmática, a Estilística

pode ser a chave para o desvelamento de mundos submersos nas ondas dos textos, sobretudo quando os textos são ricos linguisticamente e estão impregnados de carga semântica. A plurissignificação também é um signo, é passível de escolha, portanto, reflete estilo. Assim sendo, tudo faz significar num texto; desde a escolha da variedade linguística, do gênero textual, das palavras, até a disposição das formas (palavras, gráficos, tabelas, imagens etc.).

O que analisar?

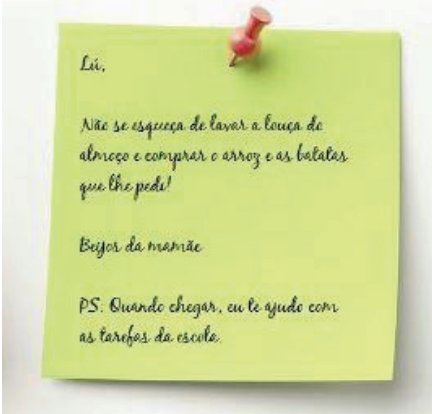
A opção pela base teórica da estilística funcional segundo Cohen (1974), Guiraud (1970) e Castagnino (1971) e o entendimento da Estilística como um ponto de interseção entre todos os estudos das Letras, leva-nos a considerar que a análise estilística “não é mais que o estudo da expressão linguística; e a palavra *estilo*, reduzida à sua definição básica, nada mais é que uma maneira de exprimir o pensamento por intermédio da linguagem” (Guiraud, 1970). Nessa ótica, entende-se que para realizar sua obra, o autor escolhe os seus elementos, pois, na base do estilo há uma escolha do ideal artístico, do material, do foco etc. O estilo vem a ser a transmissão de um momento psíquico único, vivido em dado lugar e em um grupo social determinado; isto é, o estilo transmite o conteúdo artístico da alma do artista por uma modalidade específica, particular.

Em uma publicação da Pontes, Simões e Oliveira (2014, p. 93) afirmam, na seção “O enunciado e suas escolhas”, que:

Quando se discute ensino de redação, uma questão que vem sempre à mente é o modo como o professor deve instruir o aluno a selecionar as palavras que irão compor seu texto. Algumas teorias do discurso ajudam muito a responder essa questão, quando propõem seleções lexicais disponíveis no sistema linguístico, com base no estudo dos gêneros textuais. Do ponto de vista discursivo, é o gênero do enunciado que impõe essas escolhas. O estudioso russo Mikhail Bakhtin definiu gêneros discursivos como *formas estáveis de enunciado* que vão compor os modelos de comunicação existentes nas mais diversas esferas da sociedade. Na Literatura, por exemplo, encontram-se gêneros como *soneto, letra de música, conto, romance*; no Direito, *petição, depoimento, parecer*; no discurso religioso, *sermão, profecia, evangelho, epístola* etc.

Destarte, a seleção lexical implica a prévia definição do gênero textual, para que haja uma adequação entre léxico e gênero, a partir da qual começa-se a elaborar a compreensão (por parte do enunciador, principalmente) e a interpretação (que cabe ao enunciatário/ leitor/intérprete) do texto. Independentemente de se tratar ou não de um texto artístico, é indispensável que a seleção lexical leve em conta o auditório a quem vai destinar o texto. Uma vez definido esse auditório, é possível traçar-se um perfil de enunciatário, a partir do qual será possível eleger-se um gênero mais, ou menos, complexo. Por exemplo, se a meta é operar com correspondências, dependendo do auditório pode-se iniciar por uma carta

comercial ou por um simples bilhete. Observe-se que a escolha do gênero determinará o estilo do texto: se carta comercial, deve-se usar o registro formal da língua que se pauta no uso culto; se bilhete, é preciso considerar a quem se destina, pois é possível deixar um bilhete para um parente próximo, para um colega de trabalho, para um chefe imediato etc. Para cada um desses destinatários, a variedade linguística terá de ser ajustada. Vejam-se as ilustrações a seguir:

 <p> <i>Li,</i> <i>Não se esqueça de lavar a louça de almoço e comprar o arroz e as batatas que lhe pedi!</i> <i>Beijor da mamãe</i> <i>PS. Quando chegar, eu te ajudo com as tarefas da escola.</i> </p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 10px; margin: 10px auto; width: 80%;"> <p> <i>Cara professora,</i> <i>Gostaria de avisar-lhe que hoje, 25/07, minha filha Joana, tem uma consulta marcada às 15h e, portanto, deverá sair mais cedo.</i> <i>Costa de sua compreensão, desde já agradeço.</i> <i>Maria.</i> </p> </div>
De mãe para filha	Da mãe para a professora de sua filha

Figuras 1 e 2- bilhetes de dois tipos:

A escolha do modo imperativo no primeiro bilhete indica o estilo *ordem, comando*; enquanto o futuro do pretérito no segundo texto abranda o tom do texto e demonstra alguma cerimônia entre os interlocutores.

Quando falamos em estilística funcional, o foco são as funções da linguagem. Assim sendo, as escolhas feitas durante a produção do texto hão de considerar qual a função a ser privilegiada pelo texto. Uma mostra significativa dessas escolhas pode ser observada nos quatro textos a seguir:

<p>O 'Adeus' de Teresa (Castro Alves, 1868)</p> <p>A vez primeira que eu fitei Teresa, Como as plantas que arrasta a correnteza, A valsa nos levou nos giros seus... E amamos juntos... E depois na sala "Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...</p> <p>E ela, corando, murmurou-me: 'adeus'.</p> <p>Uma noite... entreabriu-se um reposteiro... E da alcova saía um cavaleiro Inda beijando uma mulher sem véus... Era eu... Era a pálida Teresa!</p> <p>'Adeus' lhe disse conservando-a presa...</p> <p>E ela entre beijos murmurou-me: 'adeus!' Passaram-se tempos... sec'los de delírio Prazeres divinais... gozos do Empíreo...</p> <p>... Mas um dia volvi aos lares meus. Partindo eu disse _ 'Voltarei!... descansa!...'</p> <p>Ela, chorando mais que uma criança,</p> <p>Ela em soluços murmurou-me: 'adeus!'</p> <p>Quando voltei... era o palácio em festa!... E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra Preenchiam de amor o azul dos céus. Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa! Foi a última vez que eu vi Teresa!...</p> <p>E ela arquejando murmurou-me: 'adeus!'</p>	<p>Teresa (Manuel Bandeira, 1930) (1)</p> <p>A primeira vez que vi Teresa Achei que ela tinha pernas estúpidas Achei também que a cara parecia uma perna</p> <p>Quando vi Teresa de novo Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo (Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)</p> <p>Da terceira vez não vi mais nada Os céus se misturaram com a terra E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.</p> <p>Tereza da Praia³ (Tom Jobim e Billy Blanco, 1954)</p> <p>Oh, Dick! Fala, Lúcio! Arranjei novo amor no Leblon Que corpo bonito Que pele morena Que amor de pequena Amar é tão bom, tão bom! Oh, Lúcio Ela tem o nariz levantado Os olhos verdinhos, bastante puxados Cabelo castanho E uma pinta do lado? É a minha Tereza da praia Se ela é tua, é minha também! O verão passou todo comigo Mas o inverno, pergunta com quem? Então vamos A Tereza na praia deixar Aos beijos do sol E abraços do mar Tereza da praia Não é de ninguém Não pode ser tua Nem tua também Tereza da praia Não é de ninguém!</p>
<p>Teresa (Manuel Bandeira⁴) (2)</p> <p>Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde Se ele chorar Se ele ajoelhar Se ele se rasgar todo Não acredita não, Teresa É lágrima de cinema É tapeação Mentira Cai fora.</p>	

3 Título: Tereza da praia. Compositor: Antonio Carlos Jobim. Letrista: Billy Blanco. Data: 1954. Gravações: Dick Farney e Lucio Alves (78 rotações / 1954), João Nogueira e Sergio Ricardo (LP - Songbook Tom Jobim / 1996).
4 BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa*. São Paulo: M. Fontes, 1997

As musas dos quatro textos são teresas de épocas diferentes e que se apresentam sob uma perspectiva distinta. No entanto, nos dois primeiros, há uma predominância da função poética, pois um e outro textos são poemas e buscam na linguagem o esplendor da expressão. O poema de Castro Alves mostra o desenlace de um amor sofrido e relata passo a passo o desfecho fatal de um grande amor. Já o texto de Bandeira embora tenha um início (1ª estrofe) de certa forma jocoso, na segunda estrofe, o eu lírico já é tocado por sentimentos mais elevados e começa a falar dos olhos de Teresa — espelhos de uma alma sofrida. Na terceira estrofe, o eu lírico é arrebatado pela paixão e funde-se com Teresa, assim como se fundem o céu, a terra e as águas. Quanto ao texto da canção de Tom Jobim e Billy Blanco, vê-se uma conversa informal de dois amigos, relatando ter conhecido certa Teresa, na praia. Eles a descrevem com minúcias, cada um por sua vez, afirma ser dele essa Teresa. Ao final da canção, decidem por deixar a Teresa em seu habitat e concluem que ela é da praia e de mais ninguém.

A seleção de palavras se mostra bem distinta. Observando apenas os substantivos ou expressões substantivas, tem-se:

Texto	Seleção de substantivos	Função predominante
O adeus de Teresa	Teresa, Vez, Plantas, correnteza, valsa, giros, sala, adeus, fala, noite, reposteiro, alcova, cavaleiro, mulher, véus, Teresa, beijos, tempos, séculos, delírio, prazeres, gozos, Empíreo, dia, lares, criança, soluços, palácio, festa, amor, azul, céus,	poética
Teresa	Vez, Teresa, pernas, cara, perna, olhos, resto, corpo, anos, céus, terra, espírito de Deus, face das águas.	poética
Teresa	Teresa, sujeito, paixão, bonde, lágrima, cinema, tapeação, mentira	apelativa
Teresa da Praia	Dick, Lúcio, amor, Leblon, corpo, pele, pequena, nariz, olhos, cabelo, pinta, Tereza da praia, verão, inverno, praia, sol, mar,	referencial

Observe-se que o tom poético e romântico do primeiro poema faz com que sejam ativados inúmeros substantivos, sendo alguns deles de uso exclusivamente literário como reposteiro, alcova, Empíreo. No segundo poema, o tratamento mais informal do tema promove a seleção de palavras mais prosaicas, reservando a duas expressões especiais o tom romântico do desfecho: espírito de Deus, face das águas. No primeiro e segundo poemas, há a predominância da função poética (resguardadas as diferenças textuais), pois a meta do eu lírico é alindar a linguagem. O terceiro texto do conjunto e segundo de Bandeira traz um tom um tanto agressivo, de advertência, destacando a importância do destinatário em relação à mensagem: o importante é que Teresa tenha cuidado quando um sujeito como o descrito dela se acercar. O texto não demonstra preocupação estética, por isso é enxuto quanto aos substantivos, carregando nos verbos. Por fim, a canção que também tem Teresa como musa apresenta uma seleção de palavras totalmente informal,

por representar uma conversa entre dois homens que conheceram a mesma mulher e por ela se encantaram. Todavia, ao final da conversa concluem que o melhor é deixar a Teresa da/na praia, porque lá é seu lugar; e assim qualquer hipótese de tom romântico se esvai, dando lugar a uma atitude pragmática por parte dos dois conquistadores.

Importante lembrar o que ensina Jakobson sobre as funções da linguagem:

Analisemos os fatores fundamentais da comunicação lingüística: qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema (*topic*) da mensagem e o código utilizado. (.)

Às vezes, essas diferentes funções agem em separado, mas normalmente aparece um feixe de funções. Tal feixe de funções não é uma simples acumulação: constitui uma hierarquia de funções e é sempre muito importante sabor qual a função primária e quais as funções secundárias. (JAKOBSON, 1967, p. 19)

Os textos em foco parecem demonstrar com eficácia a mensagem da epígrafe desse artigo, já que unem a extrema audácia ao extremo pudor, uma vez que seus enunciadores realizam suas escolhas segundo as metas dos textos. Os poéticos se ocupam do embelezamento da mensagem; o apelativo trata de se mostrar atrativo para garantir a atenção do destinatário; e o informativo cuida apenas do relato, mesclando narração e descrição, dois amigos contam um para o outro as astúcias de suas conquistas.

No entanto, é preciso observar que, pelo fato dessas funções acontecerem em feixes, vamos encontrar nos textos analisados o seguinte:

Textos	Funções da linguagem (Em ordem de prevalência)
O Adeus de Teresa	Função poética Função referencial Função apelativa Função fática
Teresa (1)	Função poética Função referencial
Teresa (2)	Função apelativa Função referencial Função
Teresa da Praia	Função referencial Função fática Função poética

Com base nesse quadro, pode-se concluir que de fato não há uma função pura por vez. Elas se articulam, se combinam, segundo a natureza do texto. Por isso, umas se destacam em detrimento de outras.

Um estudo estilístico a partir das funções da linguagem se afasta bastante do usual, que é o levantamento de figuras de linguagem, de palavra e de pensamento.

Como as figuras se realizam por meio de palavras, passemos então ao estudo do vocabulário.

PARA CONCLUIR

O estudo do vocabulário, atualmente, pode ser feito de forma automática com auxílio do Word Smith Tools ou do AntConc (gratuito). Esses programas permitem a produção de *listas de palavras* que podem ser manipuladas de acordo com os objetivos da pesquisa; produzem também o levantamento de *concordâncias*, isto é, listam os sintagmas usuais de uma dada palavra e seus acompanhamentos à direita e à esquerda; as *colocações* também são identificadas por meio de tais programas e são elas as formas que mais ocorrem com uma palavra eleita para pesquisa.

Esses levantamentos irão favorecer o planejamento de aulas, por exemplo. Após a seleção de textos e a produção das listas de palavras, é possível separar os textos por nível de dificuldade vocabular e, em seguida, distribuí-los de acordo com a clientela, pois alunos nativos estariam, a princípio, aptos a lidar com um vocabulário mais amplo que os não nativos.

Entretanto, o trabalho com textos de complexidade variada é produtivo junto a qualquer clientela desde que explorados seletiva e gradativamente.

A presente proposta pode mostrar-se diferente dos usuais trabalhos com estilística, uma vez que esses estudos, em geral se ocupam das figuras de linguagem, de pensamento e de palavras. No entanto, explorar as funções de linguagem segundo a proposta de Jakobson que contempla cada um dos elementos de um circuito de comunicação (emissor, receptor, contato, canal, código e mensagem) abre uma outra perspectiva de trabalho, e os textos podem então ser observados sob outro prisma.

REFERÊNCIAS

CASTAGNINO, R. H. **Análise Literária**. São Paulo: Mestre Jou, 1971.

CHAVES DE MELO, G. **Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: PADRÃO, 1976.

COHEN, J. **Estrutura da Linguagem Poética**. São Paulo: Cultrix, 1974. GUIRAUD, P. **A Estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo/SP: Cultrix, 1967.

MURRY, J. M. **El estilo literario. Breviarios**. Mexico/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.

MURRY, J. M. **O Problema do Estilo**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968. PAZ GAGO, J. M. **La Estilística**. Madrid: Editorial Sintesis, 1993.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SIMÕES, D. Estudo estilístico de *Desenredo*. Trabalho de disciplina no Doutorado na UFRJ. Rio de Janeiro: mimeog., 1990.

SIMÕES, D. A construção fono-semiótica dos personagens de “*Desenredo*” de Guimarães Rosa. **Philologus**, Rio de Janeiro, p. 67-81, set-dez 1997.

SIMÕES, D.; OLIVEIRA, R. R. Instruções sobre seleção vocabular com mediação digital. In: SIMÕES, D.; FIGUEIREDO, F. J. Q. D. **Metodologias em/de linguística aplicada para o ensino e aprendizagem de línguas**. Campinas/SP: Pontes, 2014. p. 93- 118.